



EIXO 9: CULTURAS, ARTES E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO E NO TRABALHO DE PROFESSORES

CORPO, VIDA-EDUCAÇÃO E A TESE COMO PROCESSO INFINITO: ENTRE A SUBMISSÃO E A INSUBORDINAÇÃO NA ESCRITA ACADÊMICA

Marcela Botelho Brasil

UNEB

marcelabrasil@gmail.com

Lívia Alessandra Fialho da Costa

UNEB

fialho2021@gmail.com

Financiamento: CAPES-PDSE, CAPES-DS.

Resumo

A presente proposta surge da iminência da conclusão de um percurso doutoral iniciado em meio à pandemia de COVID-19 e atravessado por revoluções tecnológicas recentes, como a ascensão das Inteligências Artificiais. No contexto desta tese, o Corpo é categoria central em diálogo com a Educação, que passa a contrariar certas nomenclaturas científicas, deixando, por exemplo, de ser *objeto de estudo* para assumir-se protagonista, território epistêmico, político e social inserido em complexidades culturais. Idealizar o afastamento de corpos da posição de objeto, traz a proposição de um novo termo, alinhado com as ciências humanas e suas pesquisas, e assim, nascem os “Corpos de Estudo”. A trajetória da pesquisa é marcada por experiências performáticas e reflexões críticas amparadas pela memória de vivências artísticas, que conduzem a criações que pretendem se opor à tradicional dicotomia corpo/mente, bem como outras dualidades. O texto, como extensão do corpo que escreve, é atravessado por vivências, memórias, afetos e resistências, revelando tensões entre a exigência de um formato padronizado e a necessidade de uma escrita implicada, plural e sensível. Estes corpos que escrevem têm suas autorias reforçadas na junção “*corpos-autoria*”, para garantir a lembrança dessa implicação corporal em todo trabalho autoral. Autoria é palavra cuidadosamente articulada como modo de incluir diversidades de gênero - autoras e autorxs, além de autores – de maneira a refletir o descontentamento com a supremacia do uso de substantivos masculinos na língua portuguesa, uma imposição filosófica mais profunda que reflete historicamente o poder concentrado nas mãos dos homens, cuja linguagem nos ensina a tratar como totalidade. Aqui, prefere-se

humanidade, ainda que possa soar estranho na combinação de algumas frases. Ao mesmo tempo em que se elabora termos para contemplar todas as pessoas, deseja-se salientar suas singularidades. O corpo-autoria pode se identificar com essa diversidade, e tantas outras. Outras terminologias acompanham essa mesma intencionalidade inclusiva e certas outras proposições linguísticas trazem digressões da normatividade. Substantivos comuns ganham a letra inicial maiúscula e são tornados nomes próprios, donos de si; em outras ocasiões, associa-se a palavra-chave a um hífen para reforçar a corporalidade de ideias que foram dicotomizadas; ou ainda, propõe-se combinações instigantes que remodelam termos oriundos das ciências *mais duras*. Considerados estes pontos, expõe-se que a escolha em manter certa invariabilidade na palavra “corpo”, tem a finalidade de desmistificar visões e associações que ainda reforçam um papel secundário na relação com a educação e a construção de conhecimento. Além de ser o carro-chefe das junções não-dicotômicas, corpo é compreendido em imersão na diversidade, na qual considera-se o entremeio das pluralidades e das singularidades. Sobre formação e trabalho de professores destaca-se, entre os principais achados, a formulação do conceito de “*paralisia corporal acadêmica*”, uma metáfora que denuncia os efeitos de silenciamento e imobilização promovidos pela normatização da produção científica. Em contraponto, propõe-se o conceito de “vida-educação”, inspirado em Jessé Campos (2024), como chave de leitura para compreender a pesquisa como prática encarnada, vinculada à experiência, ao contexto e às identidades políticas e culturais dos sujeitos envolvidos. A escrita é compreendida, assim, como gesto performático que carrega consigo o risco, a rebeldia e a potência da criação. A proposta também convoca uma crítica aos critérios convencionais de avaliação na Pós-Graduação, questionando: toda pesquisa precisa caber em quatro anos? É possível conceber novos modos de avaliação e validação do saber que respeitem os ritmos e singularidades de cada corpo-pesquisa? Neste sentido, o trabalho se alinha a perspectivas contemporâneas que têm o objetivo de tensionar fronteiras de outras dualidades: entre teoria e prática, ou razão e emoção, ampliando para a observação de certa oposição entre tese e vida. Para dissipar esse contraponto, o referencial “teórico” é constituído pelos encontros “práticos” pelo caminho, de modo a emaranhar referências e vivências. Favorecer quebras de paradigmas dualistas que estão intimamente relacionadas a dicotomias que aprisionam corpos se fortalecem em encontros com autoras como bell hooks e Leda Maria Martins, bem como na escuta atenta a pessoas indígenas pesquisadoras, a exemplo de Justino Tuyuka e Rosijane Tukano, que salientam a urgência de epistemologias não-hegemônicas, mas, sim, que contemplem outras cosmologias. A escrita, por sua vez, assume

caráter

performativo e

insubmisso, recusando-se a se ajustar integralmente às formas esperadas pela academia. A metodologia do trabalho é o “*livre fluir do pensamento crítico*”, que acolhe desvios, repetições, silêncios e memórias como parte constitutiva do processo investigativo. A linguagem é atravessada por neologismos e termos inventados como “corpo- vivência” e “corpo-memória”, que rompem com o paradigma cartesiano e indicam caminhos para uma ciência mais encarnada e plural. Ao fim, o texto propõe novas formas de fazer-saber, mais abertas, sensíveis e políticas, que valorizem os corpos e as histórias que os habitam. A tese, assim, se inscreve como um gesto de resistência à lógica do produto final e se aproxima da ideia de arte-processo, onde a pesquisa se confunde com a vida e não exige seu apagamento. A conclusão, portanto, não encerra, mas inaugura possibilidades de continuidade, de presença e de insurgência nas práticas acadêmicas. Diante da percepção de que corpo está em todo eixo temático, há certa dificuldade em enquadrar a pesquisa que anseia por ciclos de circularidade ou tempos espiralares, contudo, justifica-se sua inscrição no campo das artes e culturas, por compreender que é nesse espaço que se torna possível vislumbrar novos encontros, experiências e formas de escrita e existência acadêmica.

Palavras-chave: Corpo. Vida-Educação. Tese.

ReferêNcias

CAMPOS, Jessé Pinto. **Biofragmentos de uma vida-educação amazônica:** infância e arte menor com Paul Klee. 2024. 251 f. Tese (Doutorado em Educação na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica, Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia, Belém, 2024.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico:** sabedoria prática. Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: Elefante, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. Coleção Encruzilhada. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

TUYUKA, Justino Sarmiento Rezendo. *Reflexividades Indígenas*. Comunicação apresentada no simpósio **Pensar/Agir através de entrelaçamentos**, Projeto EDGES, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal), 27 maio 2024.

TUKANO, Rosijane Fernandes Moura. *Cosmologia*. Comunicação apresentada na Oficina 2: Cosmo-Ecologias de Paisagens e da Terra, workshop **Pensar/Agir através de entrelaçamentos**, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal), 27–28 maio 2024.